

*O indígena e o Invasor: a confrontação dos povos indígenas do Brasil com o invasor europeu, nos séculos XVI e XVII*

The native and the invader: the confrontation between the indigenous peoples of Brazil and the european invader during the XVIth and XVIIth centuries

Carlos A. DIAS

29-79

*Um Modelo de Estudo do Poder da Nobreza ao Final da Idade Média*

A model of study of nobility's power in the Later Middle Ages

Joseph Gabriel MORSEL

81-114

## AVENTURA E DESVENTURAS

### *O Estudante que quer ser Antropólogo*

Maria Angela Gemaque **ÁLVARO**  
Especialista em Antropologia  
pela **UFPA**.

**RESUMO:** Quais são os caminhos trilhados por um estudante da **UFPA** que quer se tornar um antropólogo? Esse artigo procura responder essa pergunta, refletindo sobre tal trajetória, desde o momento em que o estudante entra na graduação. O ensino antropológico fragmentado e uma série de outros problemas existentes nesse nível de ensino resultam numa formação marcada por sérias deficiências. E essas deficiências transparecem mais claramente quando os alunos se vêem diante do desafio de um ensino melhor estruturado, como o que é oferecido a nível da pós-graduação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropólogos - Universidade - Ensino - Graduação e Pós-graduação.

## ADVENTURE AND DESADVENTURES

### *The student wants to become an anthropologist*

**ABSTRACT:** What are the ways tracked for one student of **UFPA** which wants to become an anthropologist? This article tries to answer this question, doing a reflection about the student's trajectory, since the moment he enters in the graduating course. The scrapped teaching of Anthropology and others problems existent in this teaching level have as result an education with serious deficiencies. The deficiencies appear clearly when the students have to face a challenge as to study in the post-graduating course, which offers a better teaching.

**KEY WORDS:** Anthropologists - University - Teaching - Graduating and Pos-graduating course.

\* Versão ampliada da avaliação feita à Coordenação do Curso de Especialização em Teoria Antropológica-**UFPA**, sobre o referido curso, em julho/1988.

Nesse trabalho, relatamos a trajetória que normalmente um estudante na Universidade Federal do Pará-UFPA segue para se converter em antropólogo. Ela pode ser comparada com uma aventura, pois pressupõe em parte uma meta, mas também tem como componente o imprevisível.

A meta nem sempre é inicialmente obter formação como antropólogo; essa determinação pode surgir apenas num momento posterior, quando a especificidade do trabalho antropológico passa a se delinear no pensamento do estudante, mesmo que em rápidos relances.

Quanto ao imprevisível, ele pode significar desventuras, pois o aluno se situa num contexto marcado por sérias deficiências. Já em certos momentos, vem a se concretizar em interessantes descobertas, visto que ao longo dessa trajetória se vislumbram algumas possibilidades promissoras em termos de crescimento intelectual.

### 1. GRADUAÇÃO: ENSINO FRAGMENTADO E OUTROS PROBLEMAS

Ao cursar o 1º ou 2º Grau os alunos não têm contato com a Antropologia pois, mesmo existindo disciplinas como História e Geografia que apresentam temas que podem ser abordados a partir de um enfoque antropológico, a formação dos professores não permite que os mesmos enveredem por tais caminhos.

Na verdade, sequer o ensino dessas disciplinas regulares, próximas à Antropologia, consegue se realizar satisfatoriamente. Em trabalho anterior (ÁLVARO, 1985), constatamos, em experiência com estudantes normalistas, que seu entendimento acerca

da História e da trajetória dos grupos indígenas, em meio ao processo brasileiro, era bastante distorcido.

Consideravam que a importância do conhecimento histórico estava no fato dele se constituir num fator de erudição, e percebiam a História como uma disciplina factual voltada para a atuação de setores dominantes. Em termos do índio, viam-no como categoria fossilizada na História do branco, e não como uma minoria que apresenta historicidade própria. E se incorporaram tal visão é porque ela lhes foi mostrada com insistência ao longo de sua passagem pela rede escolar.

O primeiro contato do aluno com a Antropologia se dá, portanto, quando o mesmo ingressa na Universidade. Embora os alunos da área de Ciências Biológicas tenham incluída em seus currículos a disciplina Antropologia Física, e possam enveredar por esse caminho, não abordaremos essa trajetória. Nos limitaremos à vivência dos alunos da área de Ciências Humanas, que melhor conhecemos.

Não existe no Pará nenhum curso específico de Antropologia, ou mesmo a oferta de uma formação dentro desse campo em cursos como Ciências Sociais ou História. O Grupo de Atividades em Antropologia da UFPA - instituição de ensino no Pará onde se concentra o maior número de antropólogos - tem oferecido algumas disciplinas aos cursos de Ciências Humanas, e a alguns outros, em caráter obrigatório ou optativo.

Num curso como História, onde se dá a maior oferta de disciplinas antropológicas, o que um aluno interessado em Antropologia chega a frequentar ao longo do seu curso não ultrapassa o número de quatro disciplinas (duas obrigatórias/duas optativas). A não ser que ele curse um número maior do

que lhe seria requisitado para concluir sua graduação.

Ao final do curso, sendo exigida a realização de um trabalho de pesquisa, ele pode direcionar o mesmo para a área de Antropologia, obtendo orientação de um dos professores do grupo. Como a realização dessa atividade implica também em estágio supervisionado, o aluno será encaminhado a efetivar pesquisa de campo. Terá possibilidades de vivenciar uma experiência importante em termos de sua formação como antropólogo, desde que, com a ajuda de seu orientador, consiga superar a condição de absoluta inexperiência frente à pesquisa, comum aos concluintes da área de Ciências Humanas.

Mas, no geral, por se apresentar diluído, o ensino de Antropologia não tem chegado a atrair muitos iniciantes, nem possibilitado a sua conversão em antropólogos. Aos que chegam a desenvolver um interesse maior resta ainda a possibilidade de aperfeiçoar sua formação atuando como monitores na **UFPA**, ou como bolsistas junto a essa Universidade ou ao Museu Goeldi, e orientados por antropólogos dessas instituições.

Esse não será um caminho tranquilo, pois o aluno se defrontará, entre outros problemas, com a dificuldade de obtenção de bolsas, com as poucas vagas existentes. Quando percorrido, os resultados podem ser profícuos, especialmente no caso do bolsista de pesquisa, se ele atuar junto a um pesquisador que cumpra seu papel de orientador, engajando-o também em atividades de análise e interpretação. Será dessa forma treinado numa atividade que não vivencia ao longo de sua graduação, dado o divórcio entre ensino e pesquisa na **UFPA**, bem retratado por **CAMPOS** et al (1988).

Concluída a graduação, os alunos que se conse-

guiu atrair para a Antropologia podem sair da Universidade com grande interesse, mas também, via de regra, com sérias deficiências em sua formação profissional. Estarão cheios de dúvidas sobre como agir enquanto antropólogos, pois como ressaltam **ALVES** e **BELTRÃO** (1986, p. 2) "a dificuldade maior dos(as) futuros(as) profissionais reside na ausência de disciplinas que propiciem conhecimentos metodológicos adequados para desenvolver trabalho antropológico".

## 2. ESPECIALIZAÇÃO: AS MARCAS DA GRADUAÇÃO

Até 1986 as possibilidades de treinamento acadêmico em Antropologia terminavam aí. Foi a partir desse ano que o Grupo de Atividades em Antropologia da **UFPA** passou a efetivar um programa de pós-graduação, a nível de especialização. Duas turmas já se formaram dentro desse programa, tendo-se iniciado a seleção dos alunos para 1989.

Essa iniciativa tem se constituído em medida positiva. Os alunos graduados na área de Ciências Humanas da **UFPA** não encontram muitas oportunidades de dar continuidade a sua formação acadêmica dentro da própria instituição. Têm que sair do estado, normalmente encaminhando-se para o sudeste, caminho que apresenta suas dificuldades, não sendo possível de ser seguido por todos que desejariam ir além da graduação.

O curso é, assim, um passo à frente na busca da melhoria do quadro intelectual da região; quadro esse que possa voltar-se para o estudo das inúmeras questões próprias à Amazônia, embora não desligadas de um contexto mais geral.

O mérito do curso não está apenas no fato dele se constituir numa opção a mais, mas principalmente por se tratar de uma boa opção. É bem estruturado, oferecendo um leque de disciplinas básicas, ministradas através de programas exequíveis e de uma bibliografia que leva o aluno a travar contato com textos teóricos clássicos e com aqueles que encerram discussões colocadas na atualidade. Tem possibilidades de fornecer aos alunos uma visão mais sólida e clara da forma como a Antropologia tem trabalhado seus temas de estudo, e também das práticas que envolvem o ofício de antropólogo.

Apesar desses aspectos positivos, observa-se uma taxa de evasão considerável ao longo dos dois cursos já realizados. Alguns desistem por questões de ordem pessoal ou de trabalho, alheias a problemas ou dificuldades diretamente ligadas ao programa. Mas os motivos que levam à evasão de muitos são de origem acadêmica, e suas raízes têm que ser buscadas em momentos anteriores ao curso.

Os alunos que o frequentam têm uma formação básica insatisfatória em Antropologia, tendo cursado pouquíssimas disciplinas antropológicas. Como já vimos, o ensino de Antropologia a nível da graduação é diluído e não existem disciplinas que forneçam as bases para o aluno desenvolver um trabalho antropológico.

A Antropologia tem suas especificidades, sua maneira de lidar com os problemas, às vezes difícil de ser percebida. Uma percepção construída ao longo dos anos de lida com a disciplina, e que ainda assim se apresenta às vezes fugidia. Uma das nossas maiores dificuldades enquanto alunos do curso reside no fato de que nem sempre temos conseguido alcançar essa percepção ou mesmo ter relances da mesma.

É essa percepção - ou sua ausência - em grande parte responsável pelo rumo do aluno ao longo do curso. Pode ocorrer dele perceber a especificidade do trabalho antropológico e por isso mesmo se desinteressar, pelo fato da Antropologia-ou sua percepção da mesma - se distanciar da forma como ele gostaria de abordar e refletir sobre uma série de questões.

O entendimento é também a chave da motivação, pois tendo o aluno começado a vislumbrar o que significa o trabalho antropológico ele pode se "encantar" pelo mesmo, encontrando aí estímulo para superar suas dificuldades e limitações. O aluno que não percebe as sutilezas do trabalho antropológico desmotiva-se, e com certeza termina o curso - se chegar a tanto - com uma sensação de insatisfação.

Mas a percepção da especificidade do enfoque antropológico não surge do nada, não se alcança através de um passe de mágica. Ela se torna possível através de um esforço empreendido pelo aluno, que deve contar com um impulso e orientação do professor.

Por um lado, podem surgir problemas em termos da orientação dada pelos docentes. Estão ligados, no nosso caso, não ao questionamento da competência dos professores enquanto antropólogos, mas a dificuldade de alguns em assumir o papel de educadores. O professor como problematizador, como aquele que deve incitar a reflexão sobre certos pontos, é um perfil nem sempre bem delineado nos que ministram as disciplinas.

É por que não se discute métodos de trabalho adotados em sala de aula, e o papel do professor frente aos alunos? Talvez por achar-se que se estaria invadindo o espaço de atuação pertinente a cada um, sendo a condução da aula pelo professor encara-

da como uma questão unicamente de estilo pessoal. Isso é um equívoco, pois a discussão dessa ordem de questão é tão pertinente quanto às das que se referem ao currículo ou programa das disciplinas, já que elas influenciam também o processo de ensino-aprendizagem.

O outro lado da questão do "aprender a pensar antropológicamente" nos leva à atuação dos alunos, ao esforço desses em superar suas dificuldades. Constatamos que nem todos conseguem - ou estão dispostos - a realizar tal esforço. Em parte isso se deve ao fato de que frequentar o curso não significa necessariamente ter como objetivo converter-se em antropólogo. Pode se constituir numa alternativa de realizar um curso de pós-graduação em área próxima a que atua, dada a inexistência na UFPa de programas desse tipo no seu campo de interesse. São poucos os que chegam já "encantados" com Antropologia, convertendo-a numa meta, e portanto com uma motivação maior para superar as dificuldades e obter a especialização.

Também deve ser lembrado que para quem sai de um curso de graduação da área de Ciências Humanas da UFPa, não é muito fácil acompanhar o ritmo de um programa de pós-graduação bem estruturado. Não porque as exigências sejam exorbitantes, mas pelo simples fato delas existirem num nível que implica seriedade e trabalho.

Quem se forma num meio em que o ensino é conduzido através de arranjos - resumidos na frase "o aluno não faz e o professor não cobra" - dificilmente adquire os hábitos de leitura e reflexão, básicos para a formação de cientistas social.

Não podemos colocar todos os professores nesse quadro, visto que existem muitas atuações positivas. Mas como a consolidação de bons resultados de-

pende de um trabalho de equipe, essas atuações, embora importantes, não conseguem barrar a proliferação de posturas e hábitos negativos entre a maioria dos estudantes da graduação.

Concluimos nossos cursos cheios de vícios e clichês, recusando teorias sem conhecer seus fundamentos, adotando outras sobre as quais pouco estudamos e utilizando seus conceitos num vazio. Mais do que sairmos com lacunas, saímos com deformações. E isso é muito mais grave, porque mais difícil de ser corrigido.

### 3 PASSEATA DE REIVINDICAÇÕES

Fica claro que entraves é que não faltam para um estudante alcançar a meta de converter-se em antropólogo. Entretanto, não constituem um círculo vicioso impossível de ser rompido, pois alguns de nós, percorrendo algumas brechas, prosseguem na aventura de obter uma boa formação.

Em geral, estes encarnam a figura do aluno insistente, ou do verdadeiro caçador das oportunidades possíveis. São aqueles que procuram obter uma bolsa de pesquisa junto a um projeto, tentam aproveitar ao máximo as lições que são dadas na sala de aula, participam das atividades de extensão oferecidas pelo grupo de Antropologia, e assim por diante. Enfim, estão dispostos a mergulhar a fundo num rio de águas revoltas, por que têm esperança de aprender a lidar com elas e alcançar a margem oposta.

É aí que entra a figura do professor. É preciso que este esteja ao lado do aluno, incentivando-o a não desanimar, e instruindo-o na melhor forma de

ir adiante. O compromisso dos professores com esse tipo de papel é básico para que os alunos alcancem as metas a que se atiram. Sem orientação, e mesmo que com afinco, o aluno desperdiça muita energia e corre sério risco de fracassar. E assumir esse papel não significa ser sacerdote, mas educador.

Diante do exposto,

#### Apoiamos :

- a iniciativa do Grupo de Atividades de Antropologia da UFPa em tentar criar um curso específico de graduação nesse campo. A Antropologia não pode continuar a ser ministrada como apêndice.

#### Propos :

- a ampliação do espaço de atuação dos antropólogos na Amazônia através de :
  - A. pressão para obtenção de recursos para programas de pesquisa;
  - B. reivindicação de bolsas de iniciação científica, aperfeiçoamento e de estudo para os alunos da pós-graduação;
  - C. pressão para que as ponderações da comunidade acadêmica de antropólogos sobre questões sociais que envolvem a efetivação dos grandes projetos sejam consideradas;
- a divulgação da Antropologia a nível de 1º e 2º grau através de cursos de extensão oferecidos aos professores que ministram disciplinas afins nas escolas;
- que haja uma preocupação maior com a pesquisa, tan

to a nível da graduação quanto da pós-graduação. Os cursos devem capacitar o estudante a atuar como pesquisador ao sair da Universidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁLVARO, Maria Angela Gemaque. Experimentando novos materiais : uma reflexão sobre a incorporação de estereótipos na escola. Belém, 1985. (Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de História e Antropologia) (mimeo).
- ALVES, Ana Rita Pereira & BELTRÃO, Jane Felipe. Como formar um (a) antropólogo(a)? Curitiba 1986. Documento apresentado e discutido durante a 15ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, março/1986, em Curitiba-Paraná (mimeo).
- CAMPOS, Ana Paula Fagundes et alli. Fazer fazendo : uma etnografia da pesquisa documental. Salvador, 1988. Documento apresentado e discutido durante o VIII Seminário Estudantil de Pesquisa, dezembro/1988, em Salvador-Bahia (mimeo).